



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DO TOCANTINS
CAMPUS GURUPI
CURSO DE GRADUAÇÃO DE LICENCIATURA EM ARTES CÊNICAS**

LUIZA GUEDES DA SILVA

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E A EXPERTISE DO DOCENTE NARRADOR

GURUPI-TO

2019

LUIZA GUEDES DA SILVA

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E A EXPERTISE DO DOCENTE NARRADOR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em Artes
Cênicas do Instituto Federal do Tocantins –
Campus Gurupi, como exigência à obtenção do
grau de Licenciado em Artes Cênicas.

Orientadora: Professora Me. Marli Fernandes
Magalhães.

**GURUPI – TO
2019**

SILVA, Luiza Guedes.

**Título: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E A EXPERTISE DO
DOCENTE NARRADOR.**

Luiza Guedes da Silva – Gurupi-TO, 2019.

30 fls.

Monografia (Licenciatura em Artes Cênicas) – Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Tocantins, Campus Gurupi-TO, 2019.

Orientadora: Professora Me. Marli Fernandes Magalhães.

1. Teatro. 2. Aprendizagem. 3. Socialização. 4. Resgate. 5. Respeito mútuo

LUIZA GUEDES DA SILVA

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E A EXPERTISE DO DOCENTE NARRADOR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em Artes
Cênicas do Instituto Federal do Tocantins –
campus Gurupi, como exigência à obtenção do
grau de Licenciado em Artes Cênicas.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA AVALIADORA

Prof^a. Me. Marli Fernandes Magalhães
Presidente
IFTO – Campus Gurupi

Prof^a. Me. Edna Maria Cruz Pinho
Membro da Banca
IFTO – Campus Gurupi

Prof^a Esp. Luciana Santana Cerqueira
Membro da Banca
IFTO – Campus Gurupi

*À minha filha Ana Lara, minha irmã Maria José (Jô) e meu amigo Thomas Batista do
Nascimento (in memoriam).*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus primeiramente por essa conquista, aos meus pais, Valdivino Ribeiro da Silva (in memoriam), Maria da Guia Guedes da Silva pelo conhecimento e aprendizado, a minha filha Ana Lara Guedes Barbosa e ao meu esposo Ricardo Silva Barbosa pela paciência e ajuda necessária nos momentos difíceis. Aos meus professores do curso Licenciatura em Artes Cênicas, a minha Orientadora Marli Fernandes Magalhães e ao Co-Orientador Brenno Jadvas pelo apoio e incentivo ao estudo.

RESUMO

O atual trabalho expõe o valor da contação de histórias para o ensino aprendizagem nas séries iniciais e sugeri técnicas para que o professor possa desenvolver a contação de história na sala de aula. O docente ao fazer a narração de uma história, ao mesmo deve ter a capacidade de chamar a atenção da criança, instigar a concentração. Vivendo uma forma diferente e estimulando a sua curiosidade. O mundo que as crianças conhecem por intermédio de histórias, abre portas para a inovação de suas atitudes, admitindo um posicionamento crítico perante nossa realidade. A ideia é, também, chamar a atenção para importância que a contação de histórias tem em afastar as crianças de meios virtuais, colocando-as em contato com o real, o físico, a proximidade com os pais e familiares. Amigos “de verdade”, presentes, a importância do “olho no olho” para formação de caráter. A transformação do ser através do conhecimento, do aprender com leituras e ensinar através delas.

Palavras-chave: 1. Contação de história. 2. Aprendizagem. 3. Socialização. 4. Resgate de memória. 5. Desenvolvimento.

ABSTRACT

The present work exposes the value of storytelling for teaching and learning in the early grades and suggested techniques for the teacher to develop storytelling in the classroom. The teacher, when narrating a story, must have the ability to draw the child's attention, instigate concentration. Living a different way and stimulating your curiosity. The world that children know through stories opens doors for the innovation of their attitudes, admitting a critical position before our reality. The idea is also to draw attention to the importance that storytelling has in keeping children away from virtual media, putting them in contact with the real, the physical, the proximity to parents and family. "Real" friends, present, the importance of "eye to eye" for character formation. The transformation of being through knowledge, learning from readings and teaching through them.

Keywords: 1. Storytelling. 2. Learning. 3. Socialization. 4. Memory rescue. 5. Development.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.	10
2. O SURGIMENTO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS	11
2.1 O que é contação de história nos anos iniciais...	14
3. RELATO DE EXPERIÊNCIA VIVÊNCIA EM SALA DE AULA.	18
4. A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NOS ANOS INICIAIS.	20
4.1 A influência da contação de história nos anos iniciais.....	22
4. EXPERTISE QUE O DOCENTE PRECISA APRESENTAR AO NARRAR ÀS HISTÓRIAS.	25
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.	28
7 REFERÊNCIAS	29

INTRODUÇÃO

A contação de história nas séries iniciais chama a atenção das crianças, despertando sua imaginação, construindo ideias, expandindo seus conhecimentos e fazendo com que as mesmas vivenciem diversas situações, como contentamento, angústia, receio, dentre outros, com isso ajudará na resolução dos conflitos e criará novas expectativas.

Pode-se chamar a atenção das crianças através da contação de histórias, tonar esse momento uma diversão, onde a criança participará dos momentos da história. Com isso ampliam-se as habilidades estruturais, mentais das crianças, fornecendo informações para a mente, estimulando suas observações e com isso facilitará a observação e amplia as demonstrações de suas ideias.

No dia a dia do ensino infantil a contação de história poderá ser um importante dispositivo para o trabalho do docente, sendo um desafio para o aprendizado das crianças, logo para o desenvolvimento de uma criança leitora.

Pretende-se aqui, diante deste trabalho, apontar diversas maneiras de narrar história, mostrar a importância das narrativas para as crianças, incluir a narração das histórias e o aprendizado nas séries iniciais. Demonstrem-se agilidades que o docente possa ter ao narrar às histórias e identificando os mais diferentes estilos de narrar que contemple as séries iniciais.

No presente trabalho será abordado o terceiro capítulo em primeira pessoa, pois se trata de um relato de experiência, onde serão contadas experiências em sala de aula, repassando conhecimentos adquiridos aos outros professores. Existe a necessidade da primeira pessoa para não ter prejuízos na essência da vivência.

Será relatado sobre técnica para ser um bom narrador das histórias e ter o hábito de ler muito, fazer leituras com calma e não se apressar para fazer as narrativas de maneira desordenada, o contador de histórias deverá ter disposição para poder instituir uma convivência entre a narração e a pessoa que está ouvindo.

Será tratado do direcionamento aos discentes, podendo levar a descontração, ainda pensar em semelhanças intelectuais entre problemas abordados pelas personalidades e pelos educandos, que possam trazer consciência das dificuldades, sendo elas mais difíceis de enfrentar dentro da realidade, tendo que despender uma dedicação maior para que é preciso se empenhar para as metas que traçamos no período da experiência.

2. O SURGIMENTO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Ao longo dos séculos, indivíduos sentavam-se próximos as fogueiras onde contavam e ouviam histórias. Um narrador das histórias, em qualquer lugar e tempo, encontrou pessoas interessadas em ouvir essas histórias. Nos grupos mais antigos essas narrações não tinham consciência de um fazer artístico. Apresentava um estilo definitivo, porque os narradores das histórias permaneciam com maneira de contar suas histórias, eram eles que mantinham e comunicavam a história e passava informações acumuladas através das gerações, falando de religiões, de lendas, de tradições e acontecimentos importantes, inconscientemente, ficaram conservados pela sociedade através dessas contações.

Uma forma de contar histórias é através do teatro, uma necessidade de manifestação/expressão artística do homem, enquanto um ser pensante e consciente de sua participação social em um meio, o narrador, às vezes invisível na cena, outras vezes presente no palco, outras ainda como autor dos fatos, busca uma fundamentação, uma união entre corpo-mente-espírito. Vemos em Margot Berthold que:

O teatro, enquanto compensação para a rotina da vida, pode ser encontrado onde quer que as pessoas se reúnam na esperança da magia que as transportará para uma realidade mais elevada. Isso é verdade independentemente de a magia acontecer num pedaço de terra nua, numa cabana de bambu, numa plataforma ou num moderno palácio multimídia de concreto e vidro. É verdade, mesmo se o efeito final for de uma desilusão brutal. (BERTHOLD, 2010 p. 6)

Percebe-se que o teatro não se limita a uma maneira de expressar acontecimentos, ações ou imagens, existem diferentes formas e lugares que o fazer teatral pode ser realizado perpassando os limites do tempo. Tendo como referências não somente história de nossos antepassados, mas histórias presentes, recentes e possíveis de acontecer, basta usar a imaginação para descobrir universos diferentes, lindos ou assustadores, imaginar como poderia ser melhor ou diferente.

Em todas as épocas históricas repassam-se os contos, valorizando à sua maneira de pensar, crer, sobreviver e até mesmo protestar. Na Grécia antiga, já havia proibições para algumas histórias que eram julgadas inapropriadas, na maioria das vezes porque colocavam em questões dos governos da época. Não se limitava apenas como uma forma de comunicação ou de informação era proibida, ninguém ousava contar o que as autoridades não queriam que a sociedade soubesse. Com o passar dos anos, com momentos democráticos, a censura foi perdendo força e as histórias contadas revelavam feitos jamais imaginados por alguns.

A contação de histórias é um dispositivo que os homens desenvolveram como algo que possa passar conhecimentos sem perder a essência com o passar do tempo. Toda tradição possui um acervo de histórias, na qual a mesma originou ou não desta tradição, objetivando basicamente abordar as ansiedades essenciais ao ser humano.

Desde o primórdio a contação de história funciona como um meio de socialização. Segundo Renato de Souza Menezes o “conceito *socialização* é dividido na vida do indivíduo como *primária* e *secundária*. A primária é aquela adquirida através de vínculos familiares afetivos, como os pais e parentes mais próximos”. Pode-se dizer que a escola seria um segundo dispositivo de interação, MENEZES (2016), continua afirmando que, “o indivíduo alcança a socialização escolar, e esse tipo de socialização afetiva que é traçado de acordo com a importância de seus valores familiares no processo de aprendizagem social é que nos acompanha vida afora construindo nossa identidade”.

Histórias resgatam acontecimentos sociais e políticos no mundo inteiro. O patriotismo é prova disso, nos apaixonamos pelo nosso país, pois sabemos de sua história. Podendo pensar o respeito e a tolerância que alimenta uma sociedade democrática. Como aponta Suzana Viganó:

Talvez seja essa também a hora de resgatar a democracia com um velho ideal político que não se concretizou efetivamente pode-se lembrar, para isso, de suas raízes nos antigos conceitos de liberdade- necessidade que limita e medeia os poderes da autoridade; igualdade – necessidade de *viver entre pares*, seja coo cidadãos de uma sociedade seja como pertencente ao grupo comum da humanidade; e a solidariedade -o sentimento de comunidade, de respeito a pluralidade e tolerância das diferenças. Talvez esse possa ser o caminho para novo horizonte comum, para se poder alcançar, efetivamente, o ideal que prega harmonia na diversidade. (VIGANÓ, 2012, p.32)

Na atualidade as escolas receberam mudanças em diversos aspectos, cultural, social e político, mas suas raízes, nos antigos conceitos de liberdade prevalecem. Hoje as escolas constituem-se como ambientes favoráveis ao desenvolvimento da sociabilidade, deve instigar a interação com diversidades sociais, sem esquecer a identidade do individual. Ao saber de acontecimentos relatados, que foram vivenciados pelos ancestrais, a sociedade se muni de conhecimentos para transformarem situações, se esforçando para corrigir erros, não repetindo-os. Aponta o Ministério da Educação e do Desporto, Brasil.

A leitura na escola tem sido fundamentalmente, um objeto de ensino. Para que possa constituir também objeto de aprendizagem, é necessário que faça sentido para o aluno, isto é, a atividade de leitura deve responder do seu ponto de vista, a objetivos de realização imediata. (BRASIL, 1997, p.36)

O professor tem uma formação profissional, porém alguns conseguem transferir para sua área, que não as Artes, o potencial da contação de história, com qualidade, dependerá da abertura para se doar ao máximo, no que diz respeito à prática proposta pelos professores, pois será ela que dará ao futuro contador de histórias, condições de se colocar no lugar do estudante, buscar narrativas que auxiliem a realidade presente, transformando histórias em verdadeiras fontes de energia para superar os intemperes da vida. Só assim saberá entender as inseguranças e incertezas dos discentes, e poderá auxiliá-los, para que tenham um bom desempenho no aprendizado. Koudela afirma que:

Talvez o professor não tenha feito teatro na escola. Talvez nunca tenha ido ao teatro. Talvez seus alunos não saibam o que é teatro. E muitas vezes o teatro é até mesmo associado a experiências constrangedoras da relação palco/plateia. O teatro talvez tenha deixado em alguns uma memória marcante, outros talvez lembrem momentos de pura chateação [...] Em seus melhores exemplos, o teatro alia diversão e ensinamento. (KOUDELA, p. 11)

Nota-se a importância de o professor que dedica seu tempo em transformar vidas, pesquisar narrativas que naquele momento, auxilia a pensar, refletir, a não julgar. Exercita a memória o suficiente para contribuir com todas as áreas possíveis do universo escolar. Parecido com a contação de histórias são os jogos teatrais, que também transformadores, permite, em vários jogos, contar uma história que futuramente poderá ser transformada em cena, caso assim desejarem. Koudela, (p. 12) salienta que “Se fizermos um exercício de memória dos jogos de rua e das brincadeiras de faz de conta, o prazer de viajar na imaginação e se aventurar poderá nos ajudar a resgatar a função simbólica, que pertence ao homem pequeno e ao teatro”, esse faz de conta também está muito presente na contação de histórias.

Como os jogos teatrais, a contação de história permite usar do drama para construir trajetórias, usar a imaginação e a disponibilidade mental e física existente em cada indivíduo. O sentido de ouvir narrativas é bem extenso, são probabilidades de descobrir as novidades dos conflitos, dos problemas, dos empecilhos, dos recursos, onde a sociedade sobreviverá de uma forma ou de outra.

Por meio das dificuldades que enfrentam que são resolvidos ou não pelas personalidades de cada narração. Os jogos teatrais, possível a crianças de faixa etária entre 7 e 12 anos, são instigados em idades inferiores a partir da contação de história, essa seria uma iniciação aos jogos, pois as crianças para jogarem, precisam entender as regras do jogo. Ela estaria sendo preparada para os jogos com a contação de história.

Desta forma, ouvindo acontecimentos reais, podem-se buscar soluções, ou até calar-se e deixar que as coisas aconteçam, depende de cada indivíduo demonstrar reações à informação, que agradam ou não. A magia da contação de histórias consegue, mesmo com

ficção, extrair sentimentos nos seres humanos, que vão de encontro com a personalidade do sujeito, que tem o poder de escolha, aprofundar em pesquisas, em estudos para obter certezas de acontecimentos vivenciados por pessoas há anos, que provavelmente tenha influenciado a história que está sendo contada pela humanidade.

Temos no universo teatral um teatrólogo que nos fala de gestos, ações críveis, o que chamamos no universo teatral de fé cênica. Segundo Constantin Stanislavski, o ator/Narrador não é uma pessoa que mente, mas sim alguém que acredita em suas ações, tornando-as assim, verdadeiras para quem observa. Stanislavski diz que,

Um ator deve, sobretudo, acreditar no que está acontecendo ao seu redor (...) [e] naquilo que ele próprio está fazendo. (...) A partir do instante em que é levado do plano da realidade para o de uma vida imaginária, e acredita nela, ele pode começar a criar. [...] A verdade cênica é tudo em que podemos acreditar sinceramente, tanto em nós mesmos quanto em nossos colegas. A verdade não pode ser separada da crença, nem a crença da verdade, (...) e sem ambas é impossível viver o seu papel ou criar qualquer coisa. Se vocês acreditarem em tudo o que dizem ou falam em cena, estarão sendo convincentes. (STANISLAVSKI, 1997, p. 92 e 93)

Se pensarmos as possibilidades de explorar o potencial lúdico da criança, utilizar desse potencial a favor do aprendizado, com a maneira de contar a história, podemos obter material pedagógico para trabalhar todas as faixas etárias, e não só com crianças, idosos também gostam muito de contar e ouvir histórias, pois não devemos esquecer, que em todo indivíduo há uma criança, onde o prazer em estar juntos transforma, faz milagres.

São de contações de histórias que surgem livros. A descoberta do Brasil, a independência do Brasil, crianças que foram alimentadas por lobos, presidentes que sem ação optou por tirar a própria vida, Alice no País das Maravilhas. Alguém contou essas histórias, estão registradas e sendo passadas à gerações. Aristóteles foi acusado de insensatez, mas ofereceu dispositivos para que várias histórias fossem investigadas, reescritas e aprimoradas, através de pesquisas que queriam provar inverdades de Aristóteles. Histórias são sempre dispositivos, ou para certificar, ou para contrariar. O importante é que desperta interesse em estar sempre buscando, dentro de acontecimentos e outros livros, verdades para serem inseridas em novas escritas.

2.1 O que é contação de história nos anos iniciais

Com o passar dos anos, o ensino atenta na contribuição para formarmos pessoas/leitores críticos. Leitores esses com responsabilidade e que sejam atuantes na coletividade. Porque vivemos em uma coletividade onde a troca de conhecimento acontece muito rápido, sendo por meio da leitura, da grafia e comunicados.

O Ensino na infância é uma etapa ideal para que a criança possa ter um empenho maior pela leitura. Nessa etapa são desenvolvidos os costumes da criança. As séries iniciais

são importantes para que as crianças possam interagir com a sociedade, ganhando novos conhecimentos. É através da comunicação entre as pessoas que as crianças são inseridas em compartilhamentos de aprendizados.

Ouvir histórias é uma atividade que auxilia no desenvolvimento pessoal, intelectual e escolar criança, aprendido com costumes e culturas do meio onde elas vivem, resgatando memórias. Através de contações de histórias se constrói personalidade, caráter, valores e respeito pelo outro e por si. Ao ouvir a história do outro, a criança aprende a valorizar momentos vivenciados por pessoas que sofreram com situações, fazendo com que as crianças reflitam sobre o outro, que não queira passar por tais momentos.

Usar o lúdico, o imaginário, sempre esteve presente em todas as épocas entre as comunidades. Professores da antiguidade já utilizava de narrativas para passar conhecimento, sábios recebiam seus discípulos, que o ouviam atentamente, absorvendo o máximo possível de conhecimento. Hoje, temos no universo teatral, estudiosos que valorizam a encenação para contar histórias nos anos iniciais e na sociedade. Beatriz Ângela Cabral, em seu livro: “O Drama Como Método de Ensino”, transforma o drama num potente dispositivo para aprendizado, ela diz que:

Ao fazer teatro/drama, entramos em uma situação imaginária – no contexto da ficção. A aprendizagem decorrente emerge desta situação e do fato de termos de responder a ela, realizar ações e assumir atitudes nem sempre presentes em nosso cotidiano. Como consequência, não ficamos restritos ao contexto “real” da sala de aula, nem a excursões ocasionais. [...] O contexto da ficção permitirá focalizar ou desafiar aquilo que é normalmente aceito sem questionamentos, tudo que devido à rotina é assumido sem maiores reflexões. Ao mesmo tempo facilita a abordagem de temas ou situações que possam abalar a suscetibilidade dos participantes, possibilitando a experiência de respostas ou atitudes reais como se estas fizessem parte do universo. (CABRAL, 2012, p. 12)

Percebe-se então que a partir do momento que as pessoas recebem estímulos para criar situações em seu imaginário, ou mesmo para entender algo que está sendo apresentado, passa a trabalhar sua imaginação à procura de respostas para o que foi proposto, questionando, opinando, começa a transmitir, seja por palavras ou por ações, o que está imaginando, começam a desenvolverem histórias de maneira extraordinariamente compreensíveis,

E ainda situações que servem de exemplo positivo, no qual a criança queira se assemelhar, como por exemplo, a história de alguém muito pobre que venceu na vida através dos estudos. Se a criança se sente incapaz por ser pobre, ela perceberá que pode conduzir seu destino de maneira favorável a sobrevivência, que muitos puderam, então ela também pode.

Segundo Tizuko Morchido Kischimoto, a imaginação e a criação são fios condutores que unem a brincadeira e arte. Ouvir histórias aciona esses fios condutores, criam imagens, fazem pensar. É para a criança uma forma de viver e de aprender a conviver, um modo sem paralelo de expressão plena da infância. Desperta o “faz de conta”, um momento de proximidade com a mãe ou o pai, ou mesmo qualquer outro membro da família que se interesse em ampliar horizontes para criança através da história contada, marca a interação da criança com o mundo e o ingresso no mundo da linguagem. Tizuko Morchido Kischimoto Afirma:

Toda criança é a ordenação de uma ideia, se um sentimento, expressão do diálogo entre homem e o mundo que o rodeia. Mas esse diálogo, tanto dentro de um todo social, pois a criação concretiza-se dentro de um espaço coletivo cultural. (KISCHIMOTO, 2008, p, 53)

No início, é o adulto que conta a história, futuramente será aquela criança, munida de saberes, que contará a história criada por ela ou por outros, ou vivenciada e que mereça ser relembrada. A criança aprende a se comunicar melhor, a ler melhor, a entender melhor. Junto a todo esse aprendizado vem à superação de uma deficiência grande nas escolas hoje, a interpretação de textos. Criança que lê, certamente saberá interpretar textos e retirar deles informações preciosas.

Ao estudar a dialeto maternal, a própria criança entra em relação com o aprendizado e assim poderá construir um significado de relação igualitária. Fala-se aqui em crianças, mas vale a pena lembrar que não importa a idade, em qualquer tempo, se a história estiver de acordo com princípios ela se faz metodologia de ensino e aprendizagem, resgata princípios e alerta para insatisfações vivenciadas pelo indivíduo ou por pessoas próximas a ele.

As narrações infantis nos arrastam para um planeta fantástico, onde a criança sente um pouco de medo, se confortam, estará se relacionando com sua imaginação, despertará o interesse em conhecer algo novo, é de suma importância que se faça um bom trabalho para que a leitura se torne rotina e também possa ser estimulada dentro de casa. Edvânia Braz Teixeira Rodrigues corrobora com a ideia quando diz,

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p. 4).

Desde pequena, a criança ouve sua mãe narrando fatos antigos. Através desses fatos a mesma aprende a amar a leitura, ter uma dedicação maior, com isso a criança aprenderá e, por conseguinte se desenvolverá mais rápido. É de grande importância incentivar as crianças a terem um costume pela leitura ainda na infância, com isso pode-se utilizar de bibliografia infantil, como principal componente no aumento da capacidade de absorção de informações da criança.

A criança é uma pessoa única, observamos que cada qual tem seus limites e algumas dificuldades, que poderá exercer uma ação efetiva no aprendizado, a partir do momento que entendemos a metodologia de desenvolvimento para a leitura, os próprios pais e educadores devem ter o conhecimento que poderá utilizar como estímulo para que o método possa ser expressivo para vida toda.

3. RELATO DE EXPERIÊNCIA, VIVÊNCIA EM SALA DE AULA.

Sempre gostei muito de ler, minha mãe atribui essa desenvoltura aos gibis, sempre li vários gibis, hoje tenho uma boa oralidade graças a essas leituras. É notório que quanto mais se lê mais se escreve e mais se entende das diversas narrativas que nos permite caminhar por horizontes outros.

É por esse motivo que passei para minha filha. Quando ela tinha dois anos, comecei a ler histórias infantis para ela todas as noites, fazia a leitura das histórias, mostrava as figuras coloridas das páginas que chamava a atenção dela, e ela mesma começou a escolher os livros para ouvir as histórias. O dia que eu não lembrava ela pedia; “mamãe a história”.

Era o momento de estarmos juntas, de diversão e aprendizagem para ambas, pois gostava muito de ouvir e ler as histórias, com quatro anos ela começou a estudar e na escola tinha contação de histórias, ela trazia novos livros para nossa contação e me contava a história que tinha aprendido na escola. Com o passar do tempo tinha melhorado a leitura, ela aprendeu a ler e a escrever, o gosto por histórias aumentava e aprimorava cada vez mais sua leitura.

Na escola os professores perguntavam por que ela gostava tanto de ler, e ela falou que eu fazia a leitura dos livros e contava histórias para ela, tomou gosto pela leitura, pois foi incentivada desde pequena a ler e sempre gostou muito, agora com doze anos é uma aluna do 7º (sétimo) ano e é uma leitora assídua.

Trabalhava com educação infantil, como professora auxiliar e todos os dias tinha na rotina diária contação de histórias para as crianças, a professora escolhia um livro e colocava as crianças em círculo e iniciava a leitura, durante a leitura as crianças não prestavam muita atenção, começavam a conversar, sair do círculo, todos os dias era do mesmo jeito. Um dia vendo aquela situação e perguntei a professora se eu poderia contar a história do dia, a mesma consentiu, fiz a escolha de um livro e iniciei a contação de uma forma mais teatral, mais criativa, eu usava adereços, fazia gesticulações, mudando o tom da voz e observamos que as crianças prestaram mais atenção, continuei colocando as crianças para participarem da história como personagens, caracterizei as mesmas para que pudessem ser mais ativos na narração.

Eu percebi que as crianças estavam gostando cada vez mais dessa forma que eu contava as histórias, não estavam mais conversando e saindo do círculo. Agora as crianças participavam,

escolhiam quais histórias queriam os adereços e pediam para eu contar. Aquele momento da contação não era mais uma aula chata, mas sim de diversão, conhecimento e aprendizagem.

A professora observou que após iniciarmos a leitura de forma teatralizada e criativa, a melhora no desenvolvimento das crianças ao falar e dos desenhos que faziam depois da leitura das histórias. Com esse avanço das crianças da turma, começamos a sermos exemplos na escola de como contar histórias, as professoras das outras turmas, e chamaram para contar na turma delas para aprender a forma de leitura e contação, assim todas as turmas se envolveram nesse mundo maravilhoso da contação de histórias.

4. A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NOS ANOS INICIAIS

Temas direcionados aos discentes, podendo levar a descontração, ainda admitem fazer semelhanças intelectuais entre problemas abordados pelas personalidades e pelos alunos, que possam trazer consciência das dificuldades, sendo elas mais difíceis de enfrentar dentro da realidade e precisamos de uma dedicação maior para que é preciso se empenhar para as metas que traçamos no período da experiência.

De modo que nem sempre, as provas e problemas pelos quais as personalidades estejam passando se mostram. Porque as crianças em todo tempo da sua história estará sujeita à sociedade em que vive, com certeza aprenderão a se defender e a evitar tais condições através dos seus conhecimentos.

As crianças se adéquam ao teor do seu subconsciente as ideias dos seus conhecimentos, isto faz com que o mesmo esteja capacitado a suportar certas situações. Através dos contos de fadas, terem uma importância incomparável, embora apresentem extensões novas ao pensamento das mesmas onde não poderiam encontrar sozinhas. Segundo Bettelheim (2002, p. 5-8) “ainda mais importante: a forma e estrutura dos contos de fadas sugerem imagens à criança com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção à sua vida”. Esse relato traz reflexões, ideias que alimentam as contações de histórias.

As histórias nos mostram que os leitores passam por diversas situações, os mesmos expõem uma aparência subjetiva, envolvem não só os protetores como também os malvados, apresentando alternativas de preferência de como seguir o caminho escolhendo o bel ou o mal ou o certo ou o errado.

Nos dias atuais em que vivemos, narrar ou mesmo escutar histórias são probabilidades de liberdade e de ter um aprendizado e que sejam de grande relevância na edificação da informação e no aumento da ética, especialmente das crianças na etapa do desenvolvimento. Lembrando que pelo meio da contação das histórias as perspectivas de que as mesmas podem ser melhores agrupadas a até vividas por crianças. Por isso a contação de histórias pode ser um dispositivo competente no incentivo às crianças para que as mesmas tenham interesse pela leitura.

Temos uma compreensão que nem sempre está contando história nas escolas de séries iniciais ou até mesmo no fundamental, seja algo que estimulará e ser valorizado, no entanto vários professores têm essa ideia de que na contação de histórias seja uma técnica extraordinária na edificação da imaginação de uma criança. Embora possa exercer diferentes estímulos, que sejam de suma importância para as crianças, de tal maneira que os educadores futuros podem estar dando um valor maior a contação de histórias, mostrar a importância no

aumento de conhecimento que a criança poderá ter.

Através dessas atividades, a mesma utiliza a imaginação própria, podendo criar seu mundo. O educador poderá conseguir várias práticas, lendo as histórias para as crianças é uma atividade que proporciona alegria, na qual a mesma poderá ter a expressão de suas percepções favoráveis de mundo.

É importante que as crianças estejam familiarizadas com os livros, sendo orientadas a manusear e a conservar, por que as histórias são aprendidas através de brincadeiras e respeitando as regras ao mesmo tempo em que se divertem, sendo por meio de imitações, interações ou algo a ser superado. O ato de ler tem que ser cultivado desde a infância é extraordinário ver uma mãe contando histórias para suas crianças quando bebês até sem ter um entendimento ou interação, o mesmo estará se tendo um conforto e uma concentração.

A contação de histórias é uma técnica pedagógica que contribui na prática docente com crianças e jovens, pois ouvir história educa, estimula o conhecimento, a imaginação desenvolvendo habilidades, no que diz respeito à formação de leitores ativos sempre em busca de inovação e aprendizado, a leitura e a contação de histórias é de suma importância ao ser humano, da criança ao adulto, pois estimula o hábito de querer sempre aprender. Quem lê desenvolve a imaginação, o diálogo, a oralidade, tornando a leitura e a contação de histórias algo agradável.

É importante lembrar que qualquer leitor e contador de histórias, envolvem-se através da visão, audição e esse envolvimento é um prazer afetivo pela leitura. A característica de um bom leitor vem muita da sua realidade e vivência de vida. Podemos relacionar essa ideia com a de Ana Maria Machado, quando relata que,

Do ponto de vista pedagógico, no trabalho com as crianças, acredito que o importante não é querer saber qual o efeito que os contos tradicionais exercem sobre cada criança, ou mesmo “querer produzir um tal efeito”, e sim entender que para cada uma delas aquela história, traz a oportunidade de organizar suas imagens internas em uma forma que faz sentido para ela naquele momento. (MACHADO, 2004, p. 28).

As crianças interagem e identificam com as personagens, sorriem, choram, sentem raiva, amor, são vários sentimentos que servem para a vida. A contação de histórias é uma arte, pois através dela aprendemos, viajamos sem sair de casa, com isso formamos vários leitores.

O momento da contação de histórias tem muitas interações e muito prazeroso em meio ao contador e ao ouvinte, contar histórias para séries iniciais termina que envolvendo contos infantis, costumes que são baseados na sociedade. A pessoa adulta quando narra uma história está proporcionando a criança iniciar uma arte para construção da identidade própria, narrar

as histórias para as crianças terá uma contribuição no aumento da linguagem, ampliando o mundo de expressões das próprias crianças e do prazer pela leitura. Andrea Lucia da Silva; quando relata que,

As estratégias didáticas mais promissoras são, com certeza, as que propõem envolver as crianças em atividades significativas, como: vivência com livros de histórias infantis e com leituras das mesmas feitas por parceiros mais experientes [...] rodas de leituras diárias, visitas constantes às salas de leituras, para ouvir, contar e inventar histórias, manuseio de livros revistas e jornais (SILVA, 2003, p. 74)

O texto citado corrobora para obter um bom momento de leituras e contação de histórias, o ambiente tem que estar organizado de forma aconchegante e atrativa, para que as crianças se sintam confortáveis e a vontade. Além do livro usar desenhos, fantoches, músicas, possibilitando assim maior interesse pelo universo das expressões.

4.1 A influência da contação de história nos anos iniciais

Quando utilizamos a contação de histórias como tática pedagógica, teremos um favorecimento a mais no método dos educadores nas salas de ensino infantil. As crianças quando tem um contato direto com histórias contadas pelos seus educadores, logo ficará estimulada, com isso será conduzido ao mundo da imaginação, porque ao mesmo tempo em que se educa, traz-se novas habilidades e motivações para continuar essa leitura com seus pais em casa. Esse momento é agradável e quando se dedica a ele é também muito prazeroso. Fanny Abramovich corrobora com essa ideia quando diz,

Ouvir histórias é viver um momento de gostosuras, de prazer, de divertimento dos melhores... É encantamento, maravilhamento, sedução... O livro da criança que ainda não lê é a história contada. E ela é (ou pode ser) ampliadora de referenciais, poetura colocada, inquietude provocada, emoção deflagrada, suspense a ser resolvido, torcida desenfreada, saudades sentidas, lembranças ressuscitadas, caminhos novos apontados, sorriso gargalhado, belezuras desfrutadas e as mil maravilhas mais que a história provoca... (desde que seja R. Eletr. Cient. Inov. Tecnol, Medianeira, Cadernos Ensino EAD, 4771-16473-1-RV boa). Contar histórias é uma arte... e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declamação ou teatro... Ela é o uso simples e harmônico da voz. (ABRAMOVICH, 2001, p.16)

Para que essa vivência seja realmente prazerosa, vale a pena lembrar que o interesse dos pais é fundamental para dar segmento a essas leituras, que muitas das vezes são iniciadas na escola e ficam dependentes do interesse dos familiares em dar continuidades às leituras. Fátima Miguez corrobora com essa ideia quando diz,

Na maioria dos casos, a Escola acaba sendo a única fonte de contato da criança com o livro e, sendo assim, é necessário estabelecer-se um compromisso maior com a qualidade e o aproveitamento da leitura como fonte de prazer. (MIGUEZ, 2000, p. 28).

Para que haja mudança em casa a criança precisaria ler com os pais, e a família estabelecer essa troca de informações, assim a criança também em casa irá ter esse momento de leitura. Seria necessária uma conscientização, nada fácil, envolvendo os familiares na discussão sobre a importância de ler para crianças. A amplitude das conquistas que serão alcançadas através da leitura, a maior de todas seriam momentos juntos, sem celulares, sem redes sociais, pais e filhos em contato real, amor, atenção e conhecimento sendo compartilhados de maneira prazerosa e saudável.

Para incentivar as crianças nas séries iniciais, é importante que as histórias tenham uma linguagem que envolva e facilite o entendimento das crianças de forma dinâmica, que desperte a curiosidade delas. O professor deve motivar a leitura fazendo narrativas de clássicos da literatura infantil, com sons e figurinos estimulando-as a participarem das contações de histórias, levando – as a um universo dos sonhos e das fábulas. Como relata Adina Benaia Borges Leite, quando relata que,

Quando o professor pretende formar leitores, deve estar disposto a mudar e enriquecer a sua forma de trabalhar [...] Utilizar diferentes tipos de textos [...] Criar situações de contato e manipulação dos diferentes suportes de textos [...] Criar situações reais de leitura, solicitando ao aluno que leia tendo um objetivo em vista [...] (LEITE, 2002, p.300).

O contador de histórias deve ter uma forma que busque a atenção das crianças com leitura de fácil entendimento, narrando as histórias com calma, mudando a voz conforme o jeito de ser de cada personagem, tornando assim a leitura interessante e apaixonante. O educador deve sempre aprimorar seu conhecimento e suas habilidades para narrar histórias para as crianças, pois assim será de grande riqueza e aprendizado para torna futuros jovens leitores e contadores de histórias. De Projecto individual de leitura, quando Maria Dinorah Luz do Prado, relata que,

O bom contador de histórias necessita: acreditar na realidade da ficção, ser natural e discreto, evitar as adaptações lendo o que está Fonte: LEITURAS..., 2010. 130 escrito no livro, não fugir das palavras difíceis, não explicar demais, lembrar que toda história é um ponto de encontro, lembrar que toda história é um ponto de partida para outras atividades, a moral da história é nenhuma, ou melhor, várias. Quem descobre é a criança. (CUNHA apud PRADO. 1995. p. 76)

Uma boa leitura ajuda na memorização das crianças fazendo com que elas aprendam palavras novas e estimula a capacidade da mente, pois ajuda na imaginação além de nos ensinar a expressar nossos sentimentos, sendo um exercício para o cérebro, auxiliando em atividades que estabelecem para se ter uma boa concentração e uma boa compreensão. L.M MARTINS, quando relata que,

O êxito obtido nas aprendizagens de leitura, escrita e cálculo em idades mais avançadas depende, em grande medida, da preparação com a qual a criança se

depara com elas, o que reitera a importância do ensino sistematizado na Educação Infantil. (MARTINS, 2010, p.87)

A prática de uma boa leitura pode nos trazer benefícios, como escutar e escrever melhor, elevando a autoestima, construindo sonhos e estimulando o a vontade de ler, essa vontade pela leitura e adquirida com o passar do tempo e deverá iniciar mais cedo. A criança tendo incentivo pela leitura pode estar construindo o gosto de ler, como resultado o desenvolvimento de jovens leitores.

5. EXPERTISE QUE O DOCENTE PRECISA APRESENTAR AO NARRAR AS HISTÓRIAS.

A técnica para ser um bom narrador das histórias e ter o hábito de ler muito, fazer leituras com calma e não se apressar para fazer as narrativas de maneira desordenadas, o contador de histórias deverá ter disposição para poder instituir uma convivência entre a narração e a pessoa que está ouvindo, proporcionando ambientes para que a criança possa estar se envolvendo e jamais ficar repetindo a história que foi escolhida para narrar.

No decorrer das contações o aprendizado foi concretizado, com a memorização dos acontecimentos de acordo com o que foi passado. Assim, paulatinamente, via-se estabelecendo formas de memorização de conteúdos e contextos históricos de acordo com o livro “O Drama Como Método de Ensino” de Beatriz Ângela Cabral. Professor e estudantes trabalhando para potencializar o aprendizado. Como diz Beatriz Ângela Cabral:

Como método de ensino, o foco da presente análise, tem sido o aparecimento de convenções e expressões para facilitar a compreensão do professor quanto ao potencial do drama para ativar objetivos educacionais e expressivos, torna-se aqui evidente que a eficácia do drama na educação e formação do aluno reside na sua eficácia como forma de arte. (CABRAL, 2012, pág.33)

As percepções dos ouvintes se confrontam com informações anteriores estimulando a busca por novas informações, traçando paralelos com a imaginação, usando a criatividade, dando significado nas observações, causando um rompimento diante de situações antes encaradas como impossíveis de lidar, a criatividade projetando uma nova linguagem artística. A timidez sendo vencida ao inventar maneiras de se contar uma história, interação coletiva, despertar de possibilidades.

O docente ao narrar às histórias abrirá vários caminhos para fantasia da criança, arrastando as mesmas para um universo extraordinário, cheio de cuidados, logo ao estar narrando histórias o docente precisa ter o conhecimento do assunto. Assim, ao narrar uma história o docente precisa ter conhecimento sobre o que está lendo, por que dessa forma poderá se envolver com o assunto, vivenciando e tornando – o mais didático.

A expressividade é outro dispositivo trabalhado com a contação de história, a maneira de se colocar diante do outro, a presença, o executar movimentos, também se faz presente as expressões faciais/corporais, o fazer teatral. A consciência da sensibilidade existente em cada sujeito faz com que o emocional expanda seu potencial cognitivo/criativo.

A ampliação do saber artístico com que o pensamento criativo e a razão se

reorganizem na mente criativa, redimensiona o saber, e por vezes o narrador passa a ser o autor de várias histórias. O fazer dramático levando histórias para o palco, aprendendo com a encenação dessas histórias. Pode-se traçar um paralelo com o pensamento de Beatriz Ângela Cabral que em seu livro; “O Drama Como Método de Ensino”, relata que:

[...] A razão para a inserção de memórias em processo e produtos teatrais se relaciona com a dimensão do pessoal, tal como aumento de autoestima, interação com sujeitos afins, construção da identidade; e com dimensão social, como responsabilidade e respeito para com espaço urbano, engajamento com questões de preservação, atividade sociais e culturais. (CABRAL, 2012, pág.13)

No universo teatral é nítido o quanto se aprende encenando, conta-se uma história, encena-a, e com certeza a memorização de fatos ou fictícios ficarão guardados nas mentes dos educandos, permitindo ser passados de geração à geração. Sabe-se que uma história quando encenada, tanto os atores, quando a plateia, guardará com mais facilidade os acontecimentos ali narrados.

É na escola que se firma saberes, diversos grupos sociais passam pela ressocialização, usam de momentos de contação de histórias em seu cronograma de trabalho, usando-os para fortalecer a convivência. Estes processos de socialização que o indivíduo vivencia estão ligados ao ser cultural, começa em casa, o se aproximar do outro, pois a medida que aprende-se novos significados ocorre a mudança de comportamentos diante da sociedade, afinal o processo de socialização pode ser visto como a organização de ideias e convivências. Como relata Suzana Viganó:

Com a transformação da preocupação individual em preocupação pública e com o isolamento radical causado por uma sociedade focada na produção e no consumo, chegamos ao impasse no qual, ao buscamos desenfreadamente a abundância, a manutenção da vida e da felicidade, no entanto, a destruição dos nossos mundos e a nossa própria infelicidade. (VIGANÓ, 2012, pág.31)

Esses grupos sociais facilitam a aceitação e a compreensão de crenças e ideologias das diversidades em si. A sociedade é condicionada à informações passadas pela mídia, novelas, séries, que nem sempre tem a preocupação com faixa etária, colocando pessoas a exposição de ideias que nem sempre são compreendidas. Momento que o narrador usa de habilidades para situar cada ouvinte a história contada. Podemos relacionar essa ideia com a de Josett Féral, quando relata que,

Às vezes, você tem a impressão de um padrão uniforme que se aplica indiferentemente ao romance, à poesia, ao cinema e ao teatro. A propósito, essas abordagens não lançam luz sobre o fenômeno teatral em sua relação com o social e com o indivíduo. Eles nos fornecem pouca informação sobre os processos de produção do trabalho em si (jogo do ator, relacionamento do diretor de teatro com o trabalho, relacionamento do ator com um papel, relações entre a produção do trabalho e a sociedade). Frequentemente, essas análises se contentam em estudar o tema em ação em uma peça e em uma performance para ver o que ele diz sobre uma parceria ou uma psicologia específica: Hamlet, Le Cid, Le Prince de Homburg ou Tartufe. (FÉRAL, 2004, pg. 20)

Analisando o pensamento de Féral, pode-se dizer que o relacionamento das pessoas envolvidas no trabalho exige uma parceria entre a produção da contação, a sociedade como um todo e o sujeito que recebe a narrativa. Não deve existir um padrão uniforme, deve acontecer uma busca incansável da melhor maneira de articular a narrativa escolhida com o público que usufruirá dela.

O narrador precisa ter a expertise de não utilizar de momentos que causarão desconforto na criança, como por exemplo, lugares que as crianças são carentes, financeiramente falando, o narrador deve evitar falar de pratos deliciosos, crianças comendo delícias, pois essas que estão ouvindo não teriam essas delícias disponíveis e causaria descontentamento, ou seja, a história deve ser adequada ao momento e realidade de quem ouve.

É preciso ter uma fala que seja intensa e que agrade, podendo ser modificada através das circunstâncias dos papéis, ter limites e não exceder nas emoções. Para os educandos do ensino infantil é de grande importância que as narrações possam ter frases mais simples, que sejam claras e estejam de combinação aos interessados, precisam apresentar uma história atraente e que agrade e desperte interesse e o imaginário.

O docente precisa contar histórias onde as mesmas sejam repetitivas e que tenham conversações, por que os discentes gostaram e terão uma participação maior nas narrações podendo repetir expressões.

No momento da contação da história, o docente deverá ter a capacidade de fazer com que o ambiente se torne mágico, proporcionando ao discente uma forma de estar mais concentrado e que o mesmo possa conseguir momentos, ambientes e novos costumes.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar o presente trabalho pôde - se fazer com que a contação de histórias na educação infantil, fosse de grande auxílio para as crianças, em especial as das séries iniciais para que as mesmas tenham um maior desenvolvimento com a leitura, incentivando os educadores a terem, cada vez mais, novas práticas de contar histórias no dia a dia e levando a criança a se motivar cada vez mais a se tornar interessado para a leitura.

É algo importante e significativo para as crianças o ato do educador contar as histórias e ao mesmo tempo deixá - las participar dos personagens, hoje em dia as redes sociais têm sido de fácil acesso para as crianças, ao mesmo tempo em que atrapalha, porque a leitura está ficando em segundo plano, por isso o educador terá que ter várias estratégias para chamar a atenção das crianças e fazer com que elas busquem mais aos livros que as redes sociais.

A maioria das crianças, ao chegarem à escola tem carências de leitura, de serem motivadas a ler, a buscar livros, a contação de histórias seria um meio para trazer o gosto pela leitura, ser um professor é também poder transmitir os conteúdos e repassar as informações para as crianças.

As narrativas favorecem na melhoria da oralidade, fazendo com as crianças possam criar figuras e expressando através da fala e criando relatos de sua própria imaginação, podemos completar o quão é importante essa ligação entre a leitura e a parte oral para o crescimento, onde se caracteriza especialmente para se ter uma fluência e maior compreensão na leitura.

É proporcionar um crescimento para a criança ao mesmo tempo compartilhar as vitórias, é incentivá-los a não abandonar a leitura, e se tornarem jovens leitores. A leitura é primordial no desenvolvimento, não só das crianças, como também dos jovens, através das narrativas da contação de histórias, pois é lendo que se aprimora a escrita, aprende novas palavras, conhece novos personagens e se emociona com esse universo mágico da leitura e da contação de histórias.

7. REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2001.
- ARISTÓTELES; **Arte poética**. São Paulo – SP. Editora Martin Claret LTDA. 1ª reimpressão. 2010.
- BARBOSA, Ana Mae. **As mutações do conceito e da prática**. BARBOSA, Ana Mae. Inquietações e mudanças no ensino da arte (org) – 7º ed. – São Paulo: Cortez, 2012, p. 13-19.
- BERTHOLD, Margot. **Historia Mundial do Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada**. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- BIANCHI, Ana Cecilia de Moraes. ALVARENGA, Marina. BIANCHI, Roberto. **Orientação para Estágio em Licenciatura**. São Paulo: Cengage Learning, 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997. p 36.
- CABRAL, Beatriz Ângela. **O Drama Como Método de Ensino**. Editora Hucitec. 2012.
- COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade**. 10. ed. São Paulo: Atica, 2009.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 48. ed. São Paulo: Cortez, 2006
- FÉRAL, Josette. **Teoría y Práctica: Más Allá de Las Fronteras**. Traducción de Armida María Códoba. 1ª ed. Buenos Aires: Galerna, 2004.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à prática educativa**. Editora Paz e Terra, 1996 (coleção leitura).
- GISLAYNE Avelar. **O ofício do contador de histórias: perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- TAHAN, Malba. **A arte de ler e contar histórias**. 4. ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1966.
- GRANEIRO, Vic Vieira. **Como usar o teatro na sala de aula**. São Paulo: Contexto 2011.
- HELIODORA, Barbara. **O teatro explicado aos meus filhos** -Rio de Janeiro: Agir, 2008.
- KISCHIMOTO, Tizuko M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 11 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

KOUDELA, Ingrid Dormien [et al]. **Abordagens metodológicas do teatro na educação.** Ciências Humanas em Revista - São Luís, V. 3, n.2, dezembro 2005.

KOUDELA, Ingrid Dormien. **Jogos Teatrais.** 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

KOUDELA, Ingrid Dormien. **A ida ao teatro.** Disponível em <<http://culturaecurriculo.fde.sp.gov.br/administracao/Anexos/Documentos/420090630140316A%20ida%20ao%20teatro.pdf>> acesso em: 20 de maio de 2015.

LEITE, Adina Benaia Borges et al. **A importância da leitura feita pelo professor para as crianças na formação de alunos leitores e produtores de texto.** Akrópolis: Revista de Ciências Humanas da UNIPAR, Umuarama, v.10, n.4, p. 299-303, out./dez. 2002.

LEITURAS: Projecto individual de leitura - **Leitur@s.com.** 30 Set. 2010. Disponível em: . Acesso em: 20 mar. 2011.

MACHADO, Ana Maria. **História meio ao contrário.** São Paulo: Ática, 2005., Regina. **Acordais fundamentos teórico-poético da arte de contar histórias.** 1. ed. São Paulo: DCL, 2004.

MARTINS, L.M. **Especificidades do desenvolvimento afetivo-cognitivo das crianças de 4 a 6 anos.** In. MARTINS, L. M.; ARCE, A. (Org). Quem tem medo de ensinar na educação infantil? Em defesa do ato de ensinar. 2.ed. Campinas, SP: Alínea, 2010. p. 63-92.

MENEZES, Renato de Souza. **Projeto vagalume: tecnologia/teatro/inclusão social.** Em busca da igualdade social. 2016. P.26

MIGUEZ, Fátima. **Nas arte-manhas do imaginário infantil.** 14. ed. Rio de Janeiro: Zeus, 2000.

PRADO, Maria Dinorah Luz do. **O livro infantil e a formação do leitor.** Petrópolis: Vozes, 1995. 76p.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias.** Goiânia, 2005.

SILVA, Andrea Lucia da; LIRA, Valéria Krykhtine. **Letramento na educação infantil.** Rio de Janeiro: E-Papers, 2003. (Educação Infantil). 88 p. v. 1.

STANISLAVSKI, Constantin. **Manual do ator.** [tradução Jefferson Luiz Camargo; revisão da tradução João Azenha Jr.] - 2.- ed. São Paulo: Martins Fontes. 1997.

VIGANÓ, Suzana Schmidt. **As Regras do Jogo: Ação Sociocultura em teatro e o Ideal Democrático.** Editora Hucitec. 2012.